O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 2 | Nº 5 | Boa Vista | 2020

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

http://doi.org/10.5281/zenodo.3786698

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.revista.ufrr.br/boca

IMPACTOS DA COVID-19 SOBRE A ECONOMIA MUNDIAL

Ricardo Borges Gama Neto•

Resumo

O texto analisa o impacto da covid-19 sobre a economia mundial. É um trabalho essencialmente descrito. Apresenta como a Peste Negra e a Gripe de 1918 impactaram nas economias de dois casos, Espanha e Suécia. Depois discute de forma resumida como as consequências da nova pandemia sobre a economia da Europa, América Latina e Brasil.

Palavras chave: covid-19; economia internacional; pandemia.

Abstract

The text analyzes the impact of covid-19 on the world economy. It is essentially a work described. It presents how the Black Death and Flu of 1918 impacted the economies of two cases, Spain and Sweden. Then he briefly discusses the consequences of the new pandemic on the economy of Europe, Latin America and Brazil.

Keywords: covid-19; international economy; pandemic.

INTRODUÇÃO

Este texto discutirá o provável impacto da covid-19 sobre a economia mundial. Nossa abordagem vai primeiro priorizar o impacto mais geral (centrado na União Europeia) e depois tentar descer aos níveis da América do Sul e do Brasil.

O ano de 2020 começou com uma perspectiva estável quanto ao crescimento da economia mundial. O embate comercial entre a República Popular da China e os Estados Unidos, as dificuldades econômicas de algumas das principais economias em desenvolvimento da América Latina, como Brasil e Argentina, o baixo crescimento da zona do euro (com expectativa negativa por causa do *Brexit*) e a queda constante dos preços do petróleo em 2019, contaminavam as perspectivas. As estimativas de crescimento da economia internacional, publicadas nos últimos meses de 2019 pelo Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI), eram respectivamente de 2,5[1]% e 3,4[2]%. Índices que tinham sido reavaliados para baixo, em face dos relatórios anteriores. Ambas instituições financeiras multilaterais, criadas em 1944 no acordo de Bretton Woods (EUA), apesar de apresentarem números diferentes, acreditavam que a economia mundial deveria apresentar um equilíbrio precário. O Banco Mundial

• Professor Associado II da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email para contato: ricardo.gamant@ufpe.br

[1] <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/01/08/modest-pickup-in-2020-amid-mounting-debt-and-slowing-productivity-growth>. Acessado em: 30/04/2020.

[2] <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2019/10/01/world-economic-outlook-october-2019>. Acessado em: 30/04/2020.

estimou o crescimento mundial para os anos de 2017, 2018 e 2019 em, respectivamente, 3.2, 3.0 e 2.4. O FMI em 3.9, 3,6 e 3.0.

Nos primeiros dias de 2020, o mundo soube do surgimento de nova doença na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei. A enfermidade havia começado a afetar cidadãos chineses entre meados de novembro aos primeiros dias de dezembro. Em 01 de janeiro, as autoridades sanitárias chinesas contabilizavam 381 indivíduos infectados. No dia 11, a primeira morte foi confirmada. O crescimento do número de indivíduos contaminados se deu de forma exponencial. No final do mês, mais de onze mil pessoas já se encontravam doentes. Em meados de fevereiro, o número de infectados na China havia saltado para quase 70 mil pessoas e fora do país eram mais de mil. No dia 01 de março, os casos no território chinês ultrapassaram para 80 mil e no resto do mundo 8000. Em 11/03, quando os números já alcançaram a surpreendente marca de 126.214 infectados, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o status de pandemia[3] no novo vírus, nomeado oficialmente como covid-19.

Este trabalho foi desenvolvido como uma análise de conjuntura. É um texto essencialmente exploratório, sem maiores pretensões analíticas. Dentro da classificação de Gerring (2012, p. 744) é uma análise descritiva do tipo *syntheses*, onde os " (...) atributos de um tópico giram em torno de um tema central que os unifica, dando coerência a um conjunto de fenômenos (...)". O trabalho está divido nesta introdução, mais duas subpartes e as considerações finais.

PANDEMIAS E MUDANÇAS SOCIAIS: PESTE NEGRA E GRIPE DE 1918

Uma pandemia não tem um impacto restrito à questão sanitária, mas também tem consequências importantes para política, economia, relações sociais e meio ambiente. Contudo, é muito difícil estimar o impacto de uma pandemia sobre a economia. Nossas principais referências, a Peste Negra (século XIV) e a Gripe de 1918 (1917 – 1919), não podem ser vistas como exemplos ideais, muito longe disto. A primeira ocorreu a quase 700 anos e a segunda ocorreu depois de uma guerra mundial que havia matado 20 milhões de pessoas e destruído parte importante da economia europeia. Mas serão nossos parâmetros teóricos pela amplitude que seus impactos tiveram sobre a história mundial.

Há uma máxima importante na análise de dados: quanto mais antigos os dados, pior é sua capacidade de exprimir a realidade. No caso da Peste Negra, este aforismo cai como uma luva, fora que teve um impacto imenso sobre a Europa, Oriente Médio, África e parte importante da Ásia. Temos muito pouca informação quantitativa, o que podemos destacar é que todos os números são superlativos: 50% da população da Eurásia contaminada e a estimativa de mortos varia entre 50 a 200 milhões

[3] <https://www.who.int/csr/disease/swineflu/frequently_asked_questions/pandemic/es/>. Acessado em: 30/04/2020.

(Baker, Lanslor e Eskelner, 2019). Contudo, A Peste Negra (Peste bubônica, *Yersinia pestis*) surgiu pela primeira vez, na história da Europa, bem antes da idade média. Dados históricos e epidemiológicos indicam que este bacilo foi o responsável pela Praga Justiniana (541- 542). A epidemia, aparentemente, iniciou-se na Etiópia atingindo cidades egípcias e do oriente médio até chegar em Constantinopla. Teve um impacto econômico e social profundo.

> A pandemia teve um efeito drástico e mudou permanentemente o tecido social do mundo ocidental. Contribuiu para o fim do reinado de Justiniano. A produção de alimentos foi severamente interrompida e uma fome de oito anos se seguiu. O sistema agrário do império foi reestruturado para se tornar o sistema feudal de três campos. A ruptura social e econômica, causada pela pandemia, marcou o fim do domínio romano e levou ao nascimento de grupos sociais culturalmente distintos que mais tarde formaram as nações da Europa medieval (FRITH, 2012, p. 11).

O impacto econômico da peste negra, na Idade Média, foi intenso. A quantidade de mortos foi tão grande que: reduziu o número de pessoas capazes de trabalhar no campo, o valor das terras aráveis declinou e o custo da mão de obra aumentou fortemente. As colheitas foram deixadas nos campos, o comércio de alimentos e bens praticamente desapareceu e a fome atingiu grande parte da população mais pobre. Famílias inteiras pereceram. Cidades, especialmente na península italiana, tiveram suas populações dizimadas pela doença e fome[4]. Nas cidades mediterrâneas, onde o comércio naval era mais forte, como Veneza, a peste negra atingiu todas as classes sociais. No entanto, o impacto não foi igual para todos os grupo e em todos os países. Evidências demonstram que, em determinadas localidades, os mais pobres foram bem mais vitimados que os ricos, que às vezes conseguiam se isolar nos seus castelos.

> A praga levou a uma preocupação com a morte, como é evidente em obras de arte macabras, como o 'Triunfo da Morte', de Pieter Breughel, o Velho, em 1562, que representava em uma paisagem panorâmica exércitos de esqueletos, matando pessoas de todas as ordens sociais, de camponeses a reis e cardeais de várias maneiras macabras e cruéis (FRITH, 2012, p. 14).

O impacto rápido e devastador da Peste Negra fez surgir dois instrumentos, agora bem reconhecidos pela população nestes tempos de covid-19, o isolamento social e a quarentena. O isolamento social foi estabelecido pelos nobres através do insulamento das vilas e cidades contaminadas e impedimento de entradas nos castelos. A quarentena foi estabelecida nas cidades italianas aos navios, impedindo as tripulações de deixarem os barcos (inicialmente era um período de 30, conhecido como *Trentino*). É difícil estipular como tais decisões contribuíram para reduzir o impacto da peste negra, provavelmente não tiveram impacto direto algum, a bactéria alastrou-se por toda Europa rapidamente,

[4] "A tragédia foi extraordinária. No curso de apenas alguns meses, 60% da população de Florença morreu devido à praga, e provavelmente a mesma proporção em Siena". <https://www.historytoday.com/archive/black-death-greatest-catastrophe-ever>. Acessado em: 30/04/2020.

chegando depois ao norte da África. Nenhuma das duas medidas tiveram qualquer preocupação sanitária, eram muito mais mecanismos para evitar que a doença entrasse nos locais de moradia dos nobre medievais.

De qualquer forma, o que nos interessa mais aqui é perceber o impacto econômico da peste negra. Como afirmamos, ela reduziu a quantidade de mão de obra disponível para a colheita na agricultura, aumentando o custo da mão de obra. Mas foi além, contaminou e matou, em grande quantidade, animais que eram fontes de alimento como vacas, ovelhas, cabras, porcos e galinhas. A morte de ovelhas e bovinos produziu falta de couro e lã[5], deixando as pessoas incapazes de se proteger do frio. A redução do número de animais e da terra cultivada produziu uma forte escassez de alimentos. A fome que assolou a Europa, Ásia e norte da África durou várias décadas.

Outra praga mais moderna, e que pode nos dar mais informações sobre como uma pandemia impacta uma economia moderna, foi a gripe de 1018. Ela surge no final de 1917, no front de combate ocidental da primeira guerra mundial e as "estimativas sugerem que, 500 milhões de indivíduos foram infectados pelo vírus ao redor do mundo, sendo que 50 – 100 milhões de pessoas morreram entre 1918 a 1920 (Johnson e Mueller, 2002 *apud* Karlsson, Nilsson e Pichler, 2014).

É muito difícil estimar o impacto econômico de curto prazo da gripe de 1918 (H1N1). A mesma ocorreu no final da primeira guerra mundial, conflito que envolveu dezenas de países e ceifou a vida de 20 milhões de pessoas. O custo estimado da guerra à época foi de 180 bilhões de dólares, "levando em conta os sete principais beligerantes (Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Rússia, Itália, Alemanha e Áustria-Hungria). Esse montante representou entre três e quatro vezes o conjunto do PIB dos países europeus, que terminaram o conflito devastados"[6].

A melhor maneira, dentro do escopo deste texto, é utilizar o caso de dois países que sofreram pouco impacto direto do conflito. Espanha e Suécia foram países neutros. De forma geral, suas economias foram intocadas dos efeitos negativos do conflito. Suécia e Espanha foram fornecedores de matérias primas e de alimentos para as forças beligerantes. Como não tiveram sua infraestrutura e indústrias afetada pelo conflito, mas fortemente impactadas pela gripe de 1919, podemos tomar estes casos como experimentos "naturais" para permitir a análise superficial do impacto da pandemia sobre suas economias nacionais (Brainerd e Siegler, 2003).

[5] <https://www.history.com/topics/middle-ages/black-death>. Acessado em: 30/04/2020.
[6]<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/06/28/interna_internacional,542894/a-primeira-guerra-mundial-em-numeros.shtml>. Acessado em: 30/04/2020.

Tabela 1 – Dados sobre expectativa de vida, renda e gasto governamental na Espanha (1916 a 1920)

Período	*1916*	*1917*	*1918*	*1919*	*1920*
Expectativa de vida (anos e meses)	43,9	42,9	30,2	41	39,2
Renda (PPP/dólar - 2011)	3640	3570	3530	3580	3840
Gasto Governamental (%PIB)	11,41	13,56	9,88	13,93	12,11

Fonte: https://www.gapminder.org e Fundo Monetário Internacional.

A Espanha teve mais de 150 mil mortos por causa da pandemia que atingiu o país em duas ondas[7], em meados de 1918 e no início de 1919. A tabela 01 tem um espaço temporal de cinco anos, acreditamos que este período nos permite percebe o impacto do H1N1 durante um período significativo no tempo. A expectativa de vida é claramente a variável mais impactada pela gripe. O país perde 13,7 anos de expectativa de vida, de 1916 a 1918. Mesmo com grande melhora nos anos posteriores, em 1920 o impacto ainda era bem claro. A queda da renda foi razoavelmente recuperada pelo aumento dos preços internacionais dos bens que eram exportados pelo país, como alimentos e metais não ferrosos (CARRERAS; TAFUNELL, 2005).

Tabela 2 – Dados sobre expectativa de vida, renda e gasto governamental na Suécia (1916 a 1920)

Período	*1916*	*1917*	*1918*	*1919*	*1920*
Expectativa de vida (anos e meses)	58,2	58,9	49,9	56,5	58,8
Renda (PPP/dólar - 2011)	5420	5090	4700	4770	5080
Gasto Governamental (%PIB)	7,79	9,97	18,17	7,911	7,63

Fonte: https://www.gapminder.o8rg e Fundo Monetário Internacional

O impacto da pandemia da *influenza* matou 38 mil suecos, o maior número de mortos ocorreu entre julho de 1918 a janeiro de 1919. A queda da expectativa de vida entre 1917 a 1918 foi de 9 anos, retornando aos patamares pré-crise dois anos depois. A renda per capita caiu fortemente, retornando em 1920 a números de 1917 (a renda começou a cair neste ano por causa do bloqueio naval inglês ao Mar do Norte). Demorou mais três anos para voltar aos patamares de 1916.

Infelizmente, não temos dados desagregados para comparar o padrão de gasto governamental nos dois países na área de saúde, mas vê-se claramente que o volume daquele foi fortemente alterado em 1918. Na Espanha, o gasto caiu 3,66% do PIB e na Suécia aumentou 8,2%.

[7] <https://www.laopiniondezamora.es/zamora/2008/12/22/gripe-siglo/322911.html>. Acessado em: 30/04/2020.

Apesar de serem dados com apenas três variáveis, percebemos que 1918 foi um ano importante em termos econômicos, com queda na renda e na expectativa de vida e uma forte variação nos gastos governamentais. Como a economia mundial estava fortemente impactada pela primeira guerra mundial, é muito difícil estimar o impacto da *influenza* sobre as economias de forma generalizada. Pararemos por aqui.

COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA ECONOMIA MUNDIAL

Os impactos da pandemia da covid-19 trazem repercussões econômicas negativas assimétricas, de natureza transescalar e intertemporal, gerando efeitos na economia mundial que ressoam em distintos graus de sensibilidade e vulnerabilidade macroeconômica dos países e microeconômica das cadeias globais de produção e consumo (SENHORAS, 2020).

> A economia mundial, incluindo a brasileira, passa por momento de elevado grau de incerteza em decorrência da pandemia de coronavírus, que está provocando desaceleração significativa da atividade econômica, queda nos preços das commodities e aumento da volatilidade nos preços de ativos financeiros. Nesse contexto, apesar da provisão adicional de estímulo monetário pelas principais economias, o ambiente para as economias emergentes tornou-se desafiador, com o aumento de aversão ao risco e a consequente realocação de ativos provocando substancial aperto nas condições financeiras (BACEN, 2020, p. 07).

A pandemia do Covid-19 tem um impacto tremendo sobre a economia e a política internacionais. Por mais que o risco de uma crise sanitária mundial, causada por um vírus vindo da Ásia exista a muitos anos[8], a grande maioria dos países demonstrou estar despreparada para suas consequências. Em 2002, na China, surgiu uma epidemia de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-COV), que contaminou 8000 mil pessoas e matou aproximadamente 10%. Três anos depois, um subtipo do vírus *influenza A* (H5N1) vindo do Vietnã, se propagou pela Ásia contaminando diversos países. Em 2012, uma nova variante do SARS foi descoberta na Arábia Saudita, a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS-COV), que causou quase 900 mortes. Em 2015, a Índia sofreu uma epidemia de febre suína (*Influenza A,* H1N1). Em outubro de 2019 ocorreu uma simulação de pandemia, promovida pelo Fórum Econômico Mundial, Fundação Bill e Melina Gates e a Johns Hopkins Center for Health Security. O experimento teórico conhecido como Event 201[9] forneceu, ao final, várias recomendações aos governos. Apesar de todos os avisos, as ações foram lentas e descoordenadas, especialmente a OMS.

[8] A próxima pandemia pode começar em qualquer lugar do mundo, mas especialistas acreditam ser mais provável que ela surja na Ásia, como a maioria das epidemias anuais rotineiras de *influenza*. Aves aquáticas como patos e gansos são os hospedeiros naturais da *influenza*, e na Ásia as pessoas convivem com esses animais. A vigilância na região ainda é falha, apesar da assistência (vagarosa) da OMS, do CDC e de outros órgãos (Gibbs e Soares, 2005).

[9] <http://www.centerforhealthsecurity.org/event201/>. Acessado em: 30/04/2020.

Os governos partiram para ações de isolamento social, quarentena, bloqueio de fronteiras terrestres, aéreas e marítimas, impedimento de comércio e em vários casos, inclusive de material sanitário, como uma forma de evitar o contágio geral, tentando impedir o colapso dos sistemas de saúde nacionais. Da China aos EUA, a falta completa de coordenação atrapalhou não apenas a luta contra o vírus, mas produziu um impacto enorme na economia mundial. O primeiro setor a sentir o peso da pandemia foi o de transporte aéreo de passageiros. Houve uma fortíssima redução do fluxo de passageiros, inicialmente de forma individual, sem a necessidade da ação de governo, guiada apenas pelo medo do contágio. Conjuntamente com a restrição de viagens veio o colapso do turismo internacional. Em fevereiro, a OMS[10] enviou as primeiras recomendações sobre repatriação e quarentena de viajantes.

A Organização Mundial do Comércio (OMC) estimou a redução do comércio internacional entre 13 a 32%, devido a pandemia[11]. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)[12] realizou um exercício de estimativa do impacto do covid-19 nas economias desenvolvidas e de mercados emergentes, em março, e estimou a queda do setor de serviços (principalmente aqueles intensivos em contatos pessoais como turismo, restaurantes, etc...) e indústrias. De acordo com a instituição, estes setores representam em torno de 30 a 40% da atividade econômica dos países. Partindo da suposição de que aqueles setores sofram quedas entre 50 a 100%, o impacto sobre os PIB's variaria entre 15 a 30%. Nos países com maior dependência da agricultura e extração mineral, os produtos internos teriam queda aproximada de 25%.

De acordo com a *International Air Transport Association* (IATA)[13], as perdas do transporte aéreo internacional, no final de abril de 2020, são estimadas em 314 bilhões de dólares. Quase 15 mil aviões deixaram de viajar semanalmente e no Brasil as principais companhias aéreas reduziram seus voos em mais de 90%. O transporte de passageiros internacionais foi o mais impactado, a grande maioria das companhias perderam um extenso número de clientes, voando apenas por razões contratuais[14] ou, aproveitando o aumento do transporte de carga aéreo de equipamentos hospitalares e de proteção individual, vendidos pela China. Muitas companhias reformaram aviões de passageiros para a função de carga aérea.

---

[10] <https://www.who.int/news-room/articles-detail/key-considerations-for-repatriation-and-quarantine-of-travellers-in-relation-to-the-outbreak-of-novel-coronavirus-2019-ncov/>. Acessado em: 30/04/2020.

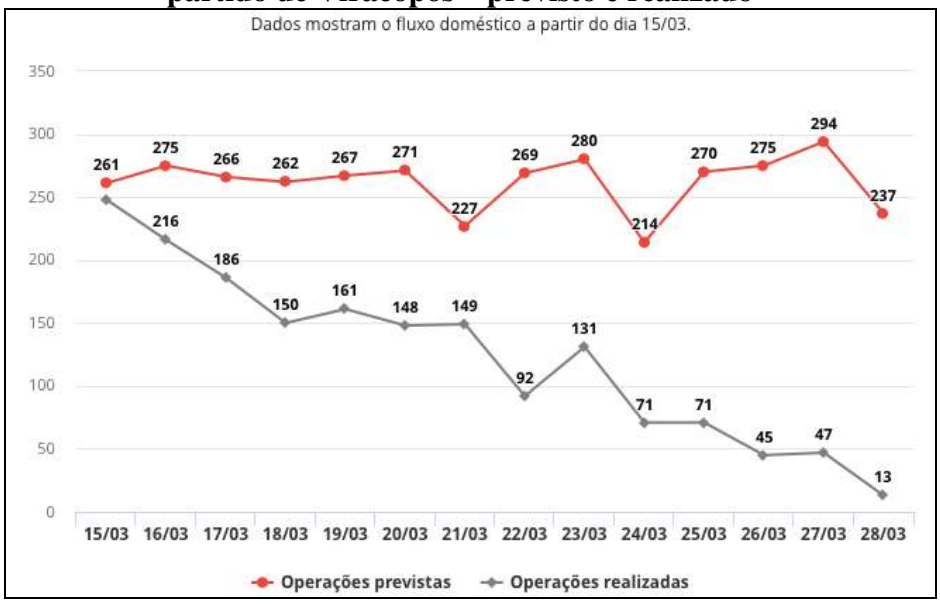
[11] <https://www.wto.org/english/news_e/pres20_e/pr855_e.htm>. Disponível em: 04/05/2020.

[12] <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/7969896b-en.pdf?expires=1588008701&id=id&accname=guest&checksum=8653CB1BC9322163185248536E5D0093>. Acessado em: 30/04/2020.

[13] <https://www.iata.org> e <https://www.iata.org/en/iata-repository/publications/economic-reports/airlines-financial-monitor---march-2020/>. Acessado em: 30/04/2020.

[14] A melhor maneira de visualizar o impacto do covid-19 no transporte aéreo internacional é visualizar o tráfico europeu de 18 abril de 2019 com o dia 18 do mesmo mês em 2020. Disponível em: <https://www.eurocontrol.int/covid19>. Acessado em: 30/04/2020.

Gráfico -1 – Fluxo de voo doméstico partido de Viracopos – previsto e realizado[15]



Fonte: Aeroporto de Viracopos.

O fechamento das fronteiras e o estabelecimento de isolamento social pelos governos sobre a vida de bilhões de pessoas, na grande maioria dos países, levou a paralização quase total das economias. A China conseguiu sair "quase ilesa" deste processo, ao ser capaz de restringir a contaminação na cidade de Wuhan, mas a maioria dos outros países não conseguiu. Há casos de sucesso importantes no controle da pandemia a regiões geográficas específicas, mas este não é o caso da grande maioria dos países onde a covid-19 se espalhou rapidamente. Coreia do Sul, Japão e Taiwan por serem países que já tinham sofrido com epidemias vindas da China, e por possuírem excelentes sistemas de saúde e uma população muito bem treinada para desastres naturais, foram capazes de controlar a disseminação da doença, mas mesmo assim, com alguma desorganização na economia.

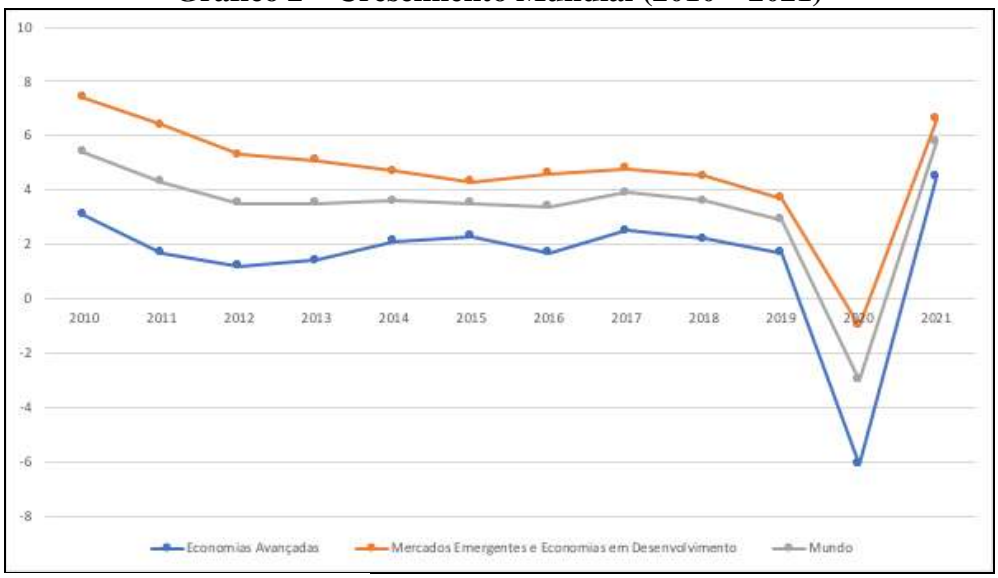
Junto com a paralização do transporte, o turismo sofreu um impacto direto. O cancelamento de viagens e o fechamento das fronteiras, praticamente inviabiliza a indústria turística de vários países. O turismo em 2018 era responsável por 10% do PIB mundial, injetando na economia mundial 8.8 trilhões de dólares e foi responsável por 319 milhões de empregos. Olhando para o cenário europeu, o impacto do covid-19 é mais forte naqueles países mais dependentes do turismo como fração do PIB: Espanha (11.1%), Portugal (9.2%), Islândia (8.4%), Grécia (7.4%), França (7.1%) e Itália (6%). Na América do Sul, México (8.6%), Panamá (8.1%), Costa Rica (5%), Brasil (3.3%). A perda do turismo com a

[15] <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/04/01/antes-de-revisao-da-malha-area-por-conta-do-coronavirus-viracopos-tem-queda-de-95percent-nos-voos-domesticos.ghtml>. Acessado em: 30/04/2020.

pandemia do covid-19 é estimado pela *World Travel & Tourism Council* (WTTC)[16] em 2,7 trilhões de dólares, produzindo uma perda, até março, de 100 milhões de empregos.

A paralisia das economias mundo a fora produziu um fator inusitado na história, o preço negativo do petróleo *West Texas Intermediate* (WTI), tipo de óleo comercializado nos EUA. A forte redução do consumo mundial, causado pela paralização da economia decorrente das medidas de luta contra a covid-19, junto com estoques nacionais e internacionais elevados, fez com que milhares de navios petroleiros não conseguissem descarregar seus estoques. O custo de manter um navio parado cheios de petróleo custa em média 30.000 dólares ao dia. A impossibilidade do descarrego do óleo bruto paralisa toda a produção. Uma situação que somente poderá ser superada com a retomada da atividade econômica.

Gráfico 2 – Crescimento Mundial (2010 – 2021)



Fonte: Fundo Monetário Internacional.

O FMI prevê que o impacto da covid-19 sobre a economia mundial seja muito forte, com uma queda de 2,9 em 2019 para -3,0 em 2020. A queda não será igual para todos. A China apesar da queda de quase cinco pontos (6.2 – 2019 para 1.2 – 2020) deve terminar o ano com sinal positivo. O mesmo deve acontecer com várias economias africanas, exploradoras de *commodities* minerais, como: Benin (4.5), Burkina Faso (2.0), República Centro-Africana (1.0), Djibuti (1.0), Etiópia (3.2), dentre outros. Alguns países do sul da Ásia também devem terminar 2020 com números superiores a zero como: Butão (2.7), Brunei (1.3), Índia (1.9), Indonésia (0.5), Filipinas (0.6). Os países que deverão ter pior desempenho em suas economias são aqueles fortemente dependentes do turismo como: Aruba (-13.7), Bahamas (-8.3), Belize (-12), Palau (-11.9), San Marino (-12.2) e Ilhas Seychelles (-10.8).

[16] <https://wttc.org/en-gb/COVID-19/Government-Hub>. Acessado em: 30/04/2020.

A União Europeia deverá apresentar um desempenho muito ruim em 2020 (-7.1), pior do que a média mundial (-3.0). A UE apresenta uma taxa de crescimento baixa, em torno de 1.66%, nos últimos 10 anos. As principais economias do continente estão sendo fortemente atingidas pela contaminação do covid-19. Com exceção da Alemanha com taxa de mortalidade/contaminados em torno de 3%, mas deverá ter também um desempenho econômico muito ruim (-7). Todos os outros países apresentam taxas acima de 10% (Espanha, França, Itália, Países Baixos). A reação dos países membros da UE contra a pandemia explicitou vários problemas políticos internos do bloco. Os países passaram a fechar suas fronteiras e negar ajuda a outros. Os governos espanhol e italianos foram praticamente deixados a sua própria sorte, sem qualquer apoio regional. O governo chinês enviou ajuda a ambos os países. Rússia e Cuba apenas aos italianos. A Espanha pediu ajuda a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Em termos econômicos, Alemanha, Áustria, Finlândia e Holanda bloquearam as primeiras tentativas de ajuda econômica baseada no lançamento de eurobônus[17].

Tabela 3 – Dados das 10 maiores economias da UE (com Reino Unido)

País	*Crescimento (2019)*	*Crescimento Estimado (2020)*	*Dívida % PIB (2018)*	*Déficit % PIB (2018)*
Alemanha	0,6	-7.0	59.80	1.40
Reino Unido	1.4	-6.5	85.40	-2.10
França	1.3	-7.2	98.10	-3.00
Itália	0.3	-9.1	134.80	-1.60
Espanha	2.0	-8.0	95.50	-2.80
Países Baixos	1.8	-7.5	46.60	1.70
Polônia	4.1	-4.6	46.00	-0.70
Suécia	1.2	-6.8	35.10	0.50
Bélgica	1.4	-6.9	98.60	-1.90
Áustria	1.6	-7.0	70.40	0.70
Irlanda	5.5	-6.8	58.80	0.40
Dinamarca	2.4	-6.5	33.20	3.70
Finlândia	1.0	-6.0	59.40	-1.10
Romênia	4.1	-5	35.20	-4.30
República Tcheca	2.6	-6.5	30.80	0.30
Zona do Euro	1.7	-7.5	80.04	0.5

Fonte: Eurostat[18].

Individualmente, a saída dos países europeus tem sido: a) manter as atividades essenciais à economia funcionando (como transporte, logística, comunicação, eletricidade, produção e comércio de alimentos e fármacos, sistema bancário, combustíveis, serviços médicos e hospitalares); b) a injeção

[17] Comumente chamados, pela impressa europeia, jocosamente de coronabônus. Bônus que deverão ser lançados pelo Banco Central Europeu. Disponível em: <https://www.telecinco.es/informativos/economia/coronabonos-europa-norte-rechaza-factura-coronavirus_18_2920845290.html>. Os eurobônus são títulos da dívida pública, emitidos pelos estados, que compartilham o euro como moeda comum através do Banco Central Europeu. A nova dívida é garantida por todos os países da união monetária. A taxa de juros dos eurobônus será a média da taxa dos países em conjunto, o que permite a países como Portugal, Itália, Espanha e Grécia se beneficiarem da solidez de economias mais pujantes como a alemã, que tem sua dívida ranqueada pela principais agências de avaliação de risco país em AAA. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/country-list/rating>. Acessado em: 30/04/2020.

[18] <https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Main_Page/pt>. Acessado em: 30/04/2020.

direta de recursos a indivíduos com menor poder aquisitivo (como por exemplo, os realizado na Espanha a famílias com poder aquisitivo inferior a 1.200 euros) e a pequenas e médias empresas em dificuldade; e d) isenção de impostos, empréstimos diretos e injeção de liquidez no sistema bancário, congelamento de pagamentos de água, luz e aluguéis[19]. Estas soluções são todas muito importantes, mas têm como consequência direta o aumento da dívida pública e os déficits nos orçamentos nacionais[20]. Apesar de aplicadas, não são uma solução coletiva. A melhor solução possível é o novo fundo de resgate europeu, lastreado em eurobônus, de acordo com o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE). A emissão dos eurobônus seguiria a mesma estratégia, utilizada na crise econômica mundial de 2007/2008, gerada pela falência dos títulos *subprime* nos EUA, e da crise da dívida pública da zona do euro em 2009/2010. O maior complicador é que os principais beneficiários desta ajuda seriam os mesmos da crise anterior, Espanha, Portugal, Itália e Grécia, o que gera profundo desconforto nos dirigentes das economias do norte do continente. Um acordo emergencial de meio trilhão de euros foi acertado em abril, mas ainda é insuficiente. Além disso, as diferentes perspectiva quanto ao desenho do mecanismo de socorro gera discordância.

> O Governo espanhol também apresentou (...) uma proposta de um fundo de 1,5 trilhão de euros que visa conciliar os pedidos da França, partidária da emissão dos chamados *coronabônus* para dividir entre todos a dívida relacionada com a crise, com as linhas vermelhas da Alemanha, que veta qualquer tipo de título que suponha uma mutualização da dívida.
> Uma sinalização positiva da Alemanha às negociações pode abrir caminho (...). O pacto aponta para uma ampliação do orçamento da UE, com um teto de gastos que poderia subir temporariamente de 1,2% da renda nacional bruta para quase o dobro (2%), nível nunca alcançado antes.
> As arestas do acordo, no entanto, ainda estão muito acentuadas e será necessária uma dura negociação para apará-las. Por enquanto, a Espanha quer que o fundo de recuperação seja usado para subsídios a fundo perdido. (..) A Alemanha, por outro lado, embora não tenha apresentado uma posição categórica, parece se inclinar mais pela concessão de empréstimos reembolsáveis, uma ideia que poderia sobrecarregar os países mais afetados pela pandemia com uma dívida pública muito difícil de administrar. A Espanha, cuja dívida rondava os 97% do PIB, poderia subir até 122%, de acordo com a última previsão do Banco da Espanha.[21]

Os EUA se tornaram rapidamente o país com maior número de pessoas infectadas e mortas por covid-19, e de forma claudicante adotou, através dos estados e municípios, a mesma estratégia de isolamento social e paralização das atividades econômicas emplementadas no resto do mundo, (permitindo o funcionamento das atividades consideradas essenciais pelos governos locais). As consequências foram rapidamente sentidas. A taxa de crescimento da economia norte-americana em

[19] Para um melhor entendimento das políticas econômicas, adotadas pelos governos e os seus impactos, ver Elgin, Basbug e Yalaman (2020).

[20] No início de março, Espanha, Itália e França anunciaram injeções nas suas economias respectivamente do montante de 200 bilhões de euros (20% do PIB), 350 bilhões (20% do PIB) e (345 bilhões (12% do PIB). Disponível em: <https://www.eldiario.es/internacional/Comparativa-Espana-Francia-Italia-coronavirus_0_1007199621.html>. Acessado em: 30/04/2020.

[21] <https://brasil.elpais.com/economia/2020-04-22/uniao-europeia-abre-caminho-para-acordo-historico-sobre-fundo-anticrise.html>. Acessado em: 30/04/2020.

2019 foi de 2.3%, o estimado pelo FMI para 2020 é -5.9%. No final de abril, o covid-19 já havia destruído 26.4 milhões de postos de trabalho, a taxa de desemprego passou de 4.4% para 11% em pouco mais de um mês. O Índice de Gerentes de Compras (*Purchasing Manaers Index* - PMI) preliminar dos EUA, que busca medir a atividade dos setores de manufatura e serviços, caiu para 27.4 em abril. Este foi o menor nível da série histórica, desde o final de 2009. Em março ele estava 49.1. Um nível abaixo 50 pontos indica uma contração na produção do setor privado[22]. O *Federal Reserve*, o banco central dos EUA, rapidamente iniciou a mesma estratégia de ação na crise de 2008, reduzindo a taxa de juros (0.25%) e o aumento da liquidez do sistema bancário do país (700 bilhões de dólares). O governo Trump e o Congresso Norte-Americano aprovaram uma ajuda 3 trilhões de dólares para a economia. O plano prever injeções de recursos maciços diretos no bolso dos cidadão, com cheques para 1.200 dólares para cada adulto e 500 para cada menor de idade. Ainda foram estabelecidas linhas de crédito de 300 bilhões para pequenas e médias empresas. Também foi estabelecido outro fundo de 500 bilhões para cidades, estados e indústrias maiores. 19 bilhões serão usados para comprar produtos agrícolas para evitar falências no campo.

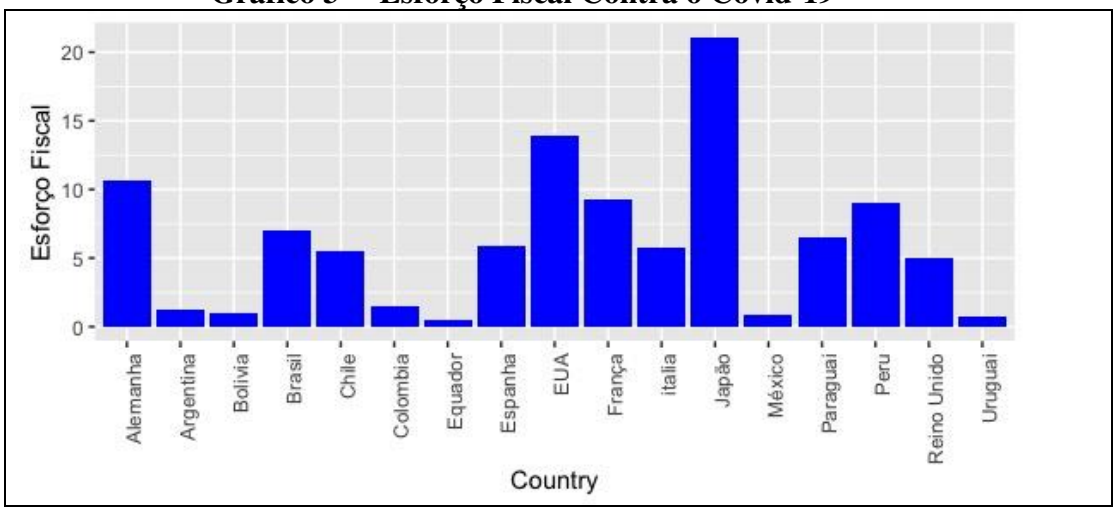
A América Latina vai ter um forte aumento da pobreza. A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL)[23] estima que a covid-19 levará para a pobreza mais de 30 milhões de pessoas, passando de 186 para 220 milhões de pobres (em termos percentuais, significa um aumento da de 30.3 para 33.8%). A pobreza extrema aumentará de 67.5 para 90.8 milhões (ou seja, uma elevação de 11 para 13.35%). De acordo com a CEPAL, os países latino-americanos e do Caribe enfrentam a pandemia numa posição macroeconomia frágil, a instituição previa que a região cresceria no máximo 1.3% em 2020. Hoje o FMI indica que a queda será de -5.2%. Contudo, como cada país tem uma estrutura produtiva diferente, alguns sentirão mais do que outros. As exportações regionais devem cair em torno de 10%. Os países mais dependentes do comércio e do turismo serão mais impactados ainda, como Antígua e Barbuda -10, Aruba -13.7, São Cristóvão e Névis, -8.1 e México -6.6%. Os países tentam executar estímulos fiscais, no entanto, a maioria dos governos não tem capacidade econômica ou institucional de prover o estímulo necessário para fazer frente à crise produzida pelo covid. Como os países latino-americanos não têm um BCE ou um FED, o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) serão as instituições financeiras multilaterais capazes de auxiliar estes países.

Países com economias mais robustas como Brasil, Argentina, México, Chile, Peru e Colômbia são capazes de suportar o impacto da covid-19 sem a necessidade de maior ajuda externa, mesmo que o desempenho econômico dos últimos anos de alguns deles, como os três primeiros, tenha sido ruim. De

[22] <https://www.statista.com/statistics/271662/purchasing-managers-index-pmi-in-the-united-states>. Acessado em: 30/04/2020.
[23] <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45337/4/S2000264_es.pdf>. Acessado em: 30/04/2020.

forma geral, estes governos realizaram aportes de recursos direto à população, às empresas e governos locais. Fundos especiais foram criados para aumentar a liquidez do crédito e corte nos juros, bem como fortes estímulos fiscais foram introduzidos nas economias. Brasil e Peru permitiram a possibilidade de redução de carga horária e salários. A Argentina proibiu a demissão por 60 dias a partir de abril.

Gráfico 3 – Esforço Fiscal Contra o Covid-19



Fonte: Elgin; Basbug e Yalaman (2020).

O gráfico 3 apresenta um índice de esforço político fiscal contra o covid-19 (dados referentes até 23/04/2020) em proporção ao PIB elaborado por Elgin, Basbug e Yalaman (2020). Apresentamos vários países da América do Sul, México, EUA, Japão e as cinco principais economias da União Europeia. Dentro da amostra apresentada, o país que executou políticas de esforço fiscal mais intenso foi o Japão. Os outros quatro países com melhor desempenho são respectivamente EUA, Alemanha e Japão. Do outro lado, o Equador foi o que apresentou menor esforço fiscal. Dos países latino americanos, o Peru foi o que demonstrou melhor despenho, sendo seguido por Paraguai e Brasil.

O Brasil é a nona maior economia do mundo em 2019 (FMI). É um país que vinha tentando sair de uma forte contração na sua economia desde 2014, com dois anos obtendo índices negativos superiores a 3%. A covid-19 pegou o governo brasileiro num grande esforço fiscal para equilibrar as contas e modernizar a administração pública. O déficit fiscal, previsto inicialmente, era de 124 bilhões de reais. Os gastos com apoio a trabalhadores, empresas e governos subnacionais poderá fazer com que a conta final seja de 600 bilhões (8% do PIB de 2019 que foi calculado em R$7.3 trilhões). Um aumento de quase cinco vezes o originalmente estimado na lei orçamentária. Somente a diminuição da receita foi prevista em 70 bilhões de reais. O país verá sua dívida pública sob a responsabilidade da União, estados

e municípios saltar de 75.8 para um valor próximo a 90%,[24] em relação ao PIB. A taxa de desemprego, que estava antes da crise do covid-19 em 11 pontos, deverá ir para 14%[25] numa economia em que 50% dos trabalhadores trabalham na informalidade. No caso brasileiro, a crise sanitária se confunde com uma crise política e outra econômica, o que torna a dinâmica das medidas contra a pandemia muito mais complicadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho simples sobre o impacto do covid-19 sobre a economia mundial. É um texto de análise de conjuntura que utiliza metodologia descritiva. Vimos que há uma relação importante entre pandemias e mudanças sociais na história mundial.

O covid-19 surge na China no final do ano de 2019. Rapidamente se espalhou pelo mundo e está tendo um forte impacto na economia mundial. Os principais instrumentos utilizados pelos governos para impedir a contaminação das populações têm sido o isolamento social, a quarenta da população e o fechamento das fronteira. A consequência foi uma forte paralização das atividades comerciais, de serviços e industriais.

Todos os países do mundo sofrem com a paralização da economia mundial. Aqueles mais dependentes do turismo sofrem mais pesadamente as consequências da pandemia. Os governos nacionais têm usado uma miríade de instrumentos fiscais e injeção de recursos para trabalhadores e empresas. A capacidade dos países de fazer frente à crise depende basicamente de três fatores: tamanho do PIB, situação fiscal e estrutura da economia. Países com maiores PIB's, situação fiscal equilibrada e menos dependente do comércio internacional e do turismo têm mais condições de superar a crise. Para vários países, especialmente os da América Latina, há forte possibilidade da crise se estender por vários anos.

REFERENCIAS

BACEN – Banco Central do Brasili. **Relatório de Inflação**, vol. 22, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/ri/relatorioinflacao/202003/ri202003p.pdf>. Acesso em: 04/05/2020.

BAKERS, M.; LANSLOR, T.; ESKELNER, M. **Vida na Idade Média**. Cambridge: Cambridge Stanford Books, 2019.

[24] O governo brasileiro usa uma metodologia diferente do Fundo Monetário Internacional, este calcula que a dívida pública deverá chegar a noventa e oito por cento do PIB e um déficit nominal de 9%. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/04/15/fmi-ve-divida-em-982percent-e-deficit-nominal-em-93percent-do-pib-em-2020.ghtml>. Acessado em: 30/04/2020.

[25] <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/570660/RAF39_ABR2020.pdf> Acessado em 30/04/2020.

BRAINERD, E.; SIEGLER, M. (2003), 'The Economic Effects of the 1918 Influenza Epidemic'. **Working Paper of the Center for Economic Policy Research**, n. 3791, 2003. Disponível em: <https://cepr.org/sites/default/files/news/FreeDP_20March.pdf>. Acesso em 04/05/2020.

CARRERAS, A.; TAFUNELL, X. **Estadísticas Históricas de España**: siglos XIX – XX. Bilbao: Fundación BBVA, 2005.

EC – European Comission. "Eurostat". **EC Website** [2020]. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/home>. Acesso em: 04/05/2020.

ELGIN, C.; BASBUG, G.; YALAMAN, A. "Economic policy responses to a pandemic: developing the Covid-19 economic stimulus index". *In*: **Covid Economics Vetted and Real-Time Papers**, issue 3, 2020. Disponível em: <https://cepr.org/sites/default/files/news/CovidEconomics3.pdf>. Acesso em 04/05/2020.

FMI – Fundo Monetário Internacional. "**World Economic Outlook Databases"** – IMF Website [2020]. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2020/01/weodata/index.aspx>. Acesso em: 04/05/2020.

FRITH, J. "The History of Plague – Part 1. The Three Great Pandemics". **Journal of Military and Veterans Health**, vol. 20, n. 2, 2012.

GERRING, J. "Mere Description". **British Journal of Political Science**, vol. 42, issue, 4, October, 2012.

KARLSSON, M.; NILSSON, T.; PICHLER, S. "The Impact of the 1918 Spanish flu epidemic on economic performance in Sweden: an investigation into the consequences of an extraordinary mortality shock". **Journal of Health Economics**, vol. 36, 2014.

PRICE-SMITH, A. **Contagion and Chaos**: disease, ecology, and national security in the Era of globalization. Cambridge: The MIT Press, 2008.

SENHORAS, E. M. "Novo coronavírus e seus impactos econômicos no mundo". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 2, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 2 | Nº 5| Boa Vista |2020

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima